

Banda Sinfónica Portuguesa

4 fev 2024
12:00 Sala Suggia

Paulo Martins direção musical
Vitor Fernandes clarinete

“Made in America”

Michael Daugherty

Niagara Falls (1997; c.10min)*

Frank Ticheli

Concerto para clarinete e banda (2010; c.21min)*

1. Rhapsody for George
2. Song for Aaron
3. Riffs for Lenny

Kevin Day

Concerto para orquestra de sopros (2021; c.22min)**

1. Flow
2. Riff
3. Vibe
4. Soul
5. Jam

Omar Thomas

Come Sunday (2018; c.11min)

1. Testimony
2. Shout!

*Estreias em Portugal.

**Estreia europeia.

Michael Daugherty

IOWA, 1954

Daugherty começou a conquistar espaço no panorama internacional quando a Sinfónica da Baltimore interpretou a sua *Metropolis Symphony* no Carnegie Hall, em 1994. Desde então, a música do compositor passou a integrar os repertórios de variadíssimas orquestras, bandas e grupos de câmara. De acordo com a Liga das Orquestras Americanas, está entre os dez compositores vivos dos Estados Unidos cujas obras são mais vezes tocadas. As suas peças interpretadas pela Sinfónica de Nashville valeram-lhe seis Grammy. Nascido em 1954 no Iowa, no seio de uma família de músicos profissionais, estudou Composição no Texas e fez o doutoramento em Yale. Em Hamburgo, teve aulas com György Ligeti. Foi compositor em residência em cerca de uma dúzia de orquestras, e recebeu encomendas de mais de 20 formações dos EUA e da Europa. No seu currículo consta uma extensa lista de prémios e colaborações com várias universidades norte-americanas. Desde 1991, é professor de Composição na Universidade do Michigan, onde tem sido mentor de vários jovens compositores talentosos.

Niagara Falls

As Cataratas do Niágara, entre o Canadá e os Estados Unidos da América, são uma meca para recém-casados e turistas que vêm visitar umas das mais bonitas cataratas do mundo. O rio Niágara também gera eletricidade para cidades de ambos os lados da fronteira, onde os visitantes são atraídos para casas assombradas, hotéis, museus de cera, lojas de doces e engodos para turistas, bem como incontáveis lojas que vendem postais, t-shirts e recordações. Esta composição é outra recordação, inspirada pelas minhas muitas visitas ao local. É uma viagem musical de dez minutos pelo rio Niágara, com uma paragem ocasional numa casa assombrada ou num museu de cera. O seu principal motivo musical é uma frase cromática de quatro tons correspondendo às sílabas de “Niágara”, e repetida em crescentes proporções góticas. Um ritmo pulsante dos tímpanos e metais graves cria uma corrente subterrânea de energia para dar uma carga elétrica ao segundo motivo, introduzido em cânones musicais pelos metais agudos. Os saxofones e clarinetes apresentam outro nível de contraponto, num *riff* de blues com um toque de filme *noir*. A minha composição é a uma meditação sobre o Sublime Americano.

MICHAEL DAUGHERTY

Frank Ticheli

LOUISIANA, 1958

Professor de Composição na Universidade do Sul da Califórnia desde 1991, Frank Ticheli tem um catálogo de obras para orquestra há muito reconhecido nos Estados Unidos da América e na Europa. Compositor em residência na Pacific Symphony entre 1991 e 1998, várias das suas criações fazem já parte do repertório de bandas. Além de compositor, trabalha como maestro convidado, tendo estado no Carnegie Hall, em muitas universidades e festivais de música americanos, e em cidades por todo o mundo, incluindo Pequim, Xangai, Londres, Manchester, Singapura, Roma e Sydney, bem como em várias cidades japonesas. Premiado por diversas entidades ao longo da carreira — não só na qualidade de compositor, mas também como professor —, Ticheli é doutorado e mestre pela Universidade do Michigan.

Concerto para clarinete e banda

Há anos que desejava compor um concerto para clarinete, pelo que fiquei maravilhado quando me foi feita uma encomenda pelo clarinetista sueco-americano Håkan Rosengren. O seu virtuosismo apaixonante, combinado com o som pungentemente belo, tiveram uma influência direta nas minhas decisões criativas ao longo da obra. Os três andamentos do concerto foram compostos como tributos a três ícones americanos do século XX: George Gershwin, Aaron Copland e Leonard Bernstein.

O primeiro andamento, “Rhapsody for George” (depois de uma referência ao famoso solo de clarinete de *Rhapsody in Blue*), é construído em grande parte por turbilhões cromáticos, jazzísticos e constantes de semicolcheias, alternadas entre solista e ensemble. Este jogo a alta velocidade é intensificado por uma linha de baixo em movimento, síncopas jazzísticas, e batidas pesadas que vão e vêm arbitrariamente.

O segundo andamento, “Song for Aaron”, evoca a qualidade gentil e aberta por vezes ouvida nos andamentos lentos de Copland. Se o ouvinte notar uma natureza semelhante à canção, talvez seja porque foi originalmente composta para voz (*An American Dream*, para soprano e orquestra, sexto andamento). Assim, este andamento é uma adaptação de um trabalho anterior, mas significativamente alterado para servir aos singulares atributos líricos do clarinete.

Enquanto compunha o andamento final, “Riffs for Lenny”, imaginei Bernstein empoleirado num púlpito (um pódio), a pregar apaixonadamente sobre a Música enquanto uma poderosa e necessária força para a Humanidade. Em certo sentido, homenageio o seu perpétuo entusiasmo, libertado através da sua direção, composição, interpretação, ensino e inúmeras outras vias. À semelhança do andamento de abertura, “Riffs for Lenny” é de certo modo jazzístico, mas agora de uma forma mais quente, ao estilo de gospel. Desmaia, suspira, seduz e, subitamente, arranca com o dobro do ritmo, dançando o tempo todo.

FRANK TICHELI

Kevin Day

TEXAS, 1996

Kevin Day é um compositor, maestro, produtor e multi-instrumentalista de Arlington, no Texas. Filho de um produtor de hip-hop e de uma cantora de gospel, tem um curso de Eufónio/Tuba, aprendeu a tocar piano sozinho e fez um mestrado em Composição. A sua música cruza os mundos do jazz, minimalismo, música latina, fusão e linguagem clássica contemporânea. Destacando-se cedo com as obras que escreveu, é hoje autor de mais de 150 composições, tocadas dentro e fora dos Estados Unidos da América — Rússia, Áustria, Austrália, Taiwan, África do Sul e Japão são alguns dos países onde tem sido interpretado. Com vários prémios arrecadados ao longo do percurso musical, Kevin Day dedica também parte do seu tempo à docência.

Concerto para orquestra de sopros

Depois de várias conversas profícuas com Cynthia Johnston Turner, maestra de bandas na Universidade da Geórgia, o conceito para o Concerto para orquestra de sopros começou a ganhar forma. Tínhamos falado em fazer uma potencial encomenda para o UGA Hodgson Wind Ensemble e, finalmente, a conversa levou à ideia de escrever uma obra substancial para aprofundar o repertório da banda de sopros. Soube desde logo que queria compor algo que refletisse a minha formação enquanto jovem negro e a cultura musical na qual cresci, que nem sempre tem sido representada na música de concerto para bandas.

A minha experiência e a inspiração para este trabalho vêm de um mundo com várias intersecções. O meu pai, nascido na Virgínia Ocidental, era um produtor de hip-hop que, no final da década de 1980, trabalhava no sul da Califórnia; e a minha mãe (também da Virgínia Ocidental) era cantora de gospel. Durante a minha infância, cresci a ouvir hip-hop, R&B, jazz e gospel. Simultaneamente, estava a aprender música clássica ao tocar numa banda e, mais tarde, numa orquestra. Tocava jazz e gospel no piano, enquanto tocava também música clássica no eufónio e na tuba. Este duplo ambiente de aprendizagem teve um enorme impacto na minha musicalidade e no meu desenvolvimento como compositor. Embora estas palavras tenham estado separadas na minha cabeça enquanto crescia, nesta obra quero uni-las em novas fusões, prestando homenagem aos meus pais, à cultura em que cresci e ao mundo das bandas de sopros.

O que surgiu deste conceito é este Concerto para orquestra de sopros, uma obra com cinco andamentos que é a minha mais ambiciosa composição até à data, e um trabalho que demorou quase dois anos a compor. Os andamentos intitulados “Flow”, “Riff”, “Vibe”, “Soul” e “Jam” refletem os estilos musicais variados em que estive imerso. “Vibe” e “Soul” são especificamente dedicados aos meus pais, sem os quais não teria conseguido chegar tão longe. Estou imensamente grato a Cynthia Turner e aos membros do consórcio desta obra, que acreditaram na minha visão e procuraram dar vida a este trabalho. Estou feliz por partilhar este contributo e carta de amor à banda de sopros e à cultura.

KEVIN DAY

Omar Thomas

NOVA IORQUE, 1984

Descrita como elegante, bonita, sofisticada e intensa, a música de Omar Thomas comove os diversificados auditórios onde é tocada. Filho de pais oriundos do Guiana, o músico nasceu em Brooklyn, Nova Iorque, em 1984. Em Boston, estudou Composição de Jazz, depois de ter estado na Virgínia para o curso de Formação Musical. Trabalha sobretudo no domínio do jazz contemporâneo para ensemble. Entre os muitos prémios que recebeu, sobressai o National Bandmasters Association/Revelli Award, que lhe foi atribuído em 2019 pela peça *Come Sunday*. Em 42 anos de história do galardão, foi o primeiro compositor negro a arrecadar tal distinção. Recebe encomendas para compor música jazz, mas também obras clássicas. O primeiro disco de Omar Thomas, *I am*, estreou-se na primeira posição no iTunes Jazz Charts e chegou ao 13.º lugar no Billboard Traditional Jazz Albums Chart.

Come Sunday

Come Sunday é um tributo ao papel central do órgão Hammond nos serviços religiosos afro-americanos. O primeiro andamento, “Testimony”, segue o órgão enquanto este prepara os corações, mentes e espíritos da congregação para receber a Palavra através de uma união mágica de Bach, blues, jazz e R&B. O segundo, “Shout!”, é uma celebração virtuosística — o clímax frenético e alegre da celebração, já inteiramente dominada pelo Espírito.

O título é um aceno dirigido a Duke Ellington, cujo amor pela música clássica inspirou o seu trabalho numa multiplicidade de formas. Para todos os músicos negros de bandas de sopros, a quem foram dadas múltiplas oportunidades de celebrar a música de todos os outros menos a nossa — eu vejo-vos e eu sou vós. Esta é pela cultura!

OMAR THOMAS

Paulo Martins direção musical

Paulo Martins teve como primeiro instrumento o saxofone, concluindo o curso complementar no Conservatório de Música do Porto, na classe de Francisco Ferreira. Prosseguiu os estudos em fagote com Hugues Kesteman, ingressando depois na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE). Foi galardoado com o Prémio Eng.º António de Almeida por ter concluído a licenciatura com a mais elevada classificação, em 2000/2001. Continuou a estudar fagote na Alemanha durante quatro anos, obtendo o curso de solista e o mestrado em interpretação na classe de Gunter Pfitzenmaier, na Hochschule für Musik Karlsruhe, ambos com a máxima classificação. Como prémio, gravou o Concerto de Mozart com a Orquestra de Câmara da mesma escola.

Foi premiado em diversos concursos e apresentou-se a solo com a Orquestra e Banda de Jovens de Santa Maria da Feira, Orquestra Sinfonieta, Orquestra ARTAVE e Orquestra de Câmara da Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe (Alemanha). Integrou várias orquestras, das quais se destaca a colaboração regular com a Sinfónica do Porto Casa da Música.

Concluiu com distinção o mestrado em Direção com o conceituado maestro Jan Cober, no Conservatório de Maastricht, e frequentou masterclasses com Ernst Schelle, Eugene Corporon e Jorma Panula.

Como maestro, Paulo Martins foi galardoado em diversas edições dos concursos de bandas de Valência, Ateneu Artístico Vilafranquense, Vila d’Altea (onde arrecadou a Batuta de Ouro) e Braga (1.º prémio e Batuta de Prata). Orienta masterclasses e dirige orquestras e bandas em Portugal, Espanha, Brasil, Argentina e Itália.

Integrou o júri do Prémio Jovens Músicos, do I Certamen Nacional de Bandas D’Almássera em Valência e dos concursos internacionais de bandas de Valência e de Altea. Foi diretor artístico do Concurso de Bandas Filarmónicas Cidade de Aveiro, do Concurso Filarmonia D’Ouro e da Academia Portuguesa de Banda (APB). É professor no Conservatório de Música do Porto, diretor artístico da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens do Concelho de Santa Maria da Feira, da Associação Recreativa e Cultural Amigos da Branca (ARMAB) e da Band Conducting Academy (BCA).

Vitor Fernandes clarinete

Após a conquista do 2.º prémio no prestigiado Concours de Genève (2018) e do 1.º prémio no Concurso Internacional de Ghent (2017), Vitor Fernandes tem sido considerado um dos mais proeminentes clarinetistas da sua geração. Nos últimos anos, apresentou-se por todo o mundo enquanto solista, professor e também em música de câmara, em cidades como Paris, Londres, Berlim, Genebra, Veneza, Tóquio, Seul, Taipé, Hong Kong, Singapura, Pequim, Cidade do México, Lima, Dubai, Ljubljana e Sófia, entre outras.

Foi convidado a ensinar na Universidade Nacional de Artes de Taipé, Universidade Nacional de Educação de Taiwan, Conservatório Central de Pequim, Universidade Nacional Autónoma do México, SOTA School of the Arts Singapore e em diversos festivais de Portugal, Polónia, República Checa, Holanda, Peru e México. Preparou vários alunos para prosseguirem estudos em escolas como o Conservatório Nacional de Paris, a Royal Academy of Music em Londres e a Hochschule Bern, na Suíça.

Apresentou-se enquanto solista com as filarmónicas de Bruxelas e Sófia, Kammerorchester Basel, L’Orchestre de Chambre de Genève, Orquestra del Instituto Politécnico Nacional de México, Sinfónica de Gyor, Orquestra das Nações Unidas, Banda Sinfónica Real dos Guias Belgas, Polish Sinfonia Iuventus Orchestra, entre outras, tocando desde Mozart e Spohr a Nielsen e Tomasi. Colaborou também com a Sinfónica de Londres, Orquestra de Câmara da Europa, filarmónicas de Roterdão, Liverpool e Bergen, Sinfónica da Rádio de Estugarda e Opéra de Lyon. Gravou para a Rádio e Televisão Portuguesa, Radio Television Suisse, France Musique, Rádio Nacional da Eslovénia e Rádio Bartók da Hungria.

Em 2018, terminou com distinção o mestrado na Haute École de Musique de Genève e recebeu o prémio Sih-Woo Cardinaux-Chang. Em 2020, obteve o Diplôme de Soliste com distinção e honras do júri. É artista Vandoren Paris e Buffet Crampon.

Tradução das notas ao programa e edição das notas biográficas dos compositores: Isabel Correia de Castro.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação em 2005, no Rivoli — Teatro Municipal do Porto. Ao longo dos anos, tem vindo a apresentar-se nos palcos mais importantes do nosso país, colaborando regularmente com a Fundação Casa da Música (onde é agrupamento associado), a Portolazer, a Ágora, a Fundação de Serralves, o Coliseu do Porto e vários municípios. Destaca-se a realização de concertos na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Lleganés, além de participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

O seu repertório para formação sinfónica estende-se dos arranjos mais clássicos às obras originais e a muitas estreias de compositores contemporâneos como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Azevedo, Luís Carvalho, António Victorino d'Almeida, Fernando Lapa, Daniel Moreira, entre muitos outros. De realçar ainda o trabalho camerístico de vários dos seus grupos e ensembles.

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, entre os quais Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Raúl da Costa, Vasco Dantas, Adriana Ferreira e vários músicos da própria orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de coros e de grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage e European Tuba Trio.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso. Foi ainda dirigida por maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho e André Granjo. Tem recebido as melhores críticas, não só do público geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros.

Gravou diversos CD, muitos deles para a editora holandesa Molenaar. Promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como os Cursos de Direção (contando já 30 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Países Baixos), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça).

Em 2017, deu início ao Festival BSP Júnior, que se realiza anualmente no verão e reúne centenas de jovens instrumentistas. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, participou no 18.º Festival do World Music Contest (Kerkrade) e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Utrecht). Em 2019, realizou uma digressão às Canárias (Tenerife e Grã-Canária).

A BSP obteve o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (1.ª secção, Catalunha, 2008) e o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do World Music Contest em Kerkrade

(Países Baixos, 2011) — com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso, considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pela Direção-Geral das Artes. A direção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flauta

Herlânder Sousa
Catarina Silva
Daniela Anjo
Filipa Figueiredo
David Leão

Oboé

Telma Mota
Juliana Félix
Fernanda Amorim (corne inglês)

Fagote

Pedro Rodrigues
Beatriz Rios

Clarinete

Horácio Ferreira
Nuno Sousa
Ana Rita Petiz
Sofia Rocha
João Ramos
Luísa Marques
Rui Lopes
Alcina Azevedo
André Silva
Pedro Ramos
Bruno Silva
Hélder Tavares
Filipe Pereira (requinta)
Hugo Folgar (baixo)
Ángelo Santos (baixo, contrabaixo)

Saxofone

José Pedro Gonçalves (alto)
Rita Pereira (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Jorge Sousa (tenor)
Marcelo Marques (barítono)

Trompa

Rui Pires
Nelson Silva
Hélder Vales
Samuel Ferreira
Nuno Silva

Trompete

Telmo Barbosa
Sérgio Pereira
Tiago Peixoto
Carlos Martinho

Trombone

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Emanuel Rocha
Gonçalo Dias (baixo)

Eufónio

Nuno Costa
Luís Gomes

Tuba

Jorge Fernandes
Xavier Novo

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
Daniel Araújo
Jorge Lima
Luís Santiago
Paulo Mota
Jorge Pereira
Gabriel Teixeira

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano/Sintetizador

Raquel Cunha

Harpa

Érica Versace

Operação Técnica

Iluminação Bruno Mendes
Palco Amaro Castro, Fernando Gonçalves, Victor Resende
Assistência de cena
Gastão Ferreira

Equipa Técnica BSP

Montagem e Produção
Dino Gabriel, Carlos Rodrigues
Secretariado Mariana Aguiar
Comunicação Luís Oliveira
Imagem Pedro Jobling